

Tropa de choque usa até irritação como estratégia

Liderados por Ornélas e Souto, carlistas tentaram adiar votação com crítica a Saturnino e Tebet

BRASÍLIA - As mais de sete horas de sessão do Conselho de Ética do Senado foram marcadas por muita briga, bate-boca e ameaças. A chamada tropa de choque baiana, liderada pelos pefeítas Paulo Souto e Waldeck Ornélas, esforçou-se para postergar a votação, na tentativa de evitar a aprovação do relatório de Saturnino Braga (PSB-RJ). A estratégia usou desde argumentos regimentais até a tática simples da irritação direta: Os alvos foram Saturnino e o presidente do Conselho de Ética, Ramez Tebet (PMDB-MS).

O mais aguerrido da frente de defesa foi Ornélas, que, aos berros, insistiu durante todo o tempo em discordar de cada ato de Tebet, da decisão de fazer a votação aberta até os mínimos detalhes. Sem esconder a intenção de tumultuar a sessão e resguardar o aliado Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), ele não se fez de rogado.

"Estamos aqui num parlamento que renuncia à sua vontade. Sabemos que a opinião pública é manipulada", apelou, numa insinuação de que vários integrantes do conselho estariam votando apenas para atender às expectativas da população. O comentário provocou polêmica e observações paralelas.

Um dos momentos de tensão

foi provocado por Ornélas, ao chamar Tebet de "autocrata". "O senhor deveria ser mais democrata", disse aos gritos. Pela primeira vez, Tebet perdeu a paciência e respondeu aos ataques, sugerindo que o baiano estava no conselho apenas para livrar ACM da cassação: "Eu só tenho um dono, que é a minha consciência, não tenho outro."

Lista - Saturnino também perdeu a fleuma durante embate com Paulo Souto, logo depois de comentar sua decisão. "A revelação do voto foi grave. Não há dúvidas de que ACM revelou votos, isso pode ser provado por intermédio dos depoimentos inclusive dos procuradores na sessão secreta", disse, provocando a ira de Souto, que o acusou de divulgar informações obtidas na sessão secreta na qual foram ouvidos os procuradores da República Eliana Torelly, Guilherme Schelb e Luiz Francisco de Souza, que confirmou que ACM havia comentado sobre a existência da lista com os votos dos senadores na cassação de Luiz Estevão.

"Eu lhe dou o direito de abrir contra mim um processo de perda de mandato", disse Saturnino a Souto. Irritado, ele acrescentou que tinha consciência de não ter revelado nada que as pessoas já não soubessem. A discussão foi encerrada por Tebet, lembrando que "todos sabiam" que os procuradores confirmaram a existência da lista e neste caso informação secreta alguma foi revelada. (R.G. e T.M.)